



## AVALIAÇÃO EXTERNA EM LÍNGUA PORTUGUESA E A UTILIZAÇÃO DAS QUESTÕES DAS AVALIAÇÕES INTERNAS

Nilcéia Saldanha Carneiro <sup>1</sup>  
Mara Helena Carneiro <sup>2</sup>

### RESUMO

Este estudo apresenta um relato de experiência, das coordenadoras pedagógicas, em relação à avaliação externa em uma escola estadual de educação básica no Estado de Mato Grosso. Teve como objetivo geral identificar, no ano de 2019, à prática de avaliação desenvolvida pelos professores de Língua Portuguesa, naquele Estado tomando como base avaliação em larga escala. A pesquisa é qualitativa e os dados foram obtidos, por meio de questionários semiestruturados com 2 (duas) perguntas abertas e 6 (seis) fechadas com respostas de 05 (cinco) professores de Língua Portuguesa do 7º, 8º e 9º ano do Ensino Fundamental, ou seja, anos finais de uma escola pública situada na mesorregião a Sudoeste do Estado de Mato Grosso a qual situa-se a 297,98 quilômetros de Cuiabá, capital do Estado. Teve como investigação: “Quais as formas de avaliação dos professores do Ensino Fundamental dos anos finais da escola pública da educação básica no Estado de Mato Grosso tirando como base as avaliações externas? Pretendeu-se verificar as implicações dos processos de avaliação externa em sala de aula. Identificou-se duas abordagens nos métodos de avaliação: I) Método tradicional - avaliação final; II) Avaliação formativa – processo contínuo. O trabalho identificou os seguintes resultados: a) Leitura e escrita são formas constantes de avaliar; b) Atividades diversas foram instrumentos e mecanismos diários em sala de aula para treinamento externo; c) A prova escrita nunca é descartada, sendo instrumento oficial para à escola; d) Avaliações são utilizados para avaliar e treinar os estudantes para avaliação externa.

**Palavras-chave:** Avaliação Externa; Língua Portuguesa; Atividades diversificadas em Língua Portuguesa.

### INTRODUÇÃO

Este trabalho encontra sua justificativa quando referimos às políticas públicas de educação e ao processo de aprendizagem do discente por meio da política de avaliação. Nesse contexto, ressaltamos, a prática de avaliação externa para aferição de conhecimento. Dessa forma, o objetivo de identificar, no ano de 2019, a prática de

---

<sup>1</sup>Graduanda do Curso de Letras da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT; Estudante do Curso de Doutorado em Educação pela Universidade Católica De Santos – UNISANTOS - SP nilceia.saldanha@email.com;

<sup>2</sup>Graduada pelo Curso de Geografia da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT; Professora/coordenadora da Escola Estadual Deputado João Evaristo Curvo – DJEC/MT mara\_hel@email.com;



avaliação desenvolvida pelos professores de Língua Portuguesa, no Estado de Mato Grosso tomando como base a avaliação em larga escala se presentifica nesse artigo.

Vale ressaltar, que construir conhecimento e avaliar de forma coletiva, exige que seja assegurada condições importantes, tais como: diálogo, prática, ação, acesso às tecnologias digitais para que os estudantes se familiarizem com o contexto em que estão inseridos e que o professor fuja da memorização e torne a aprendizagem o caminho eficaz a fim de manter produções mais elaboradas e apreendidas com processo diário. O ato de avaliar internamente, é uma forma de avaliação, porém processual, que está interligada à externa e tem sido um processo contínuo para alcançar o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB).

A avaliação externa e interna, portanto, não associada à memorização, pois pode limitar o ato de aprender e atribuir notas acaba por reduzir todo o contexto vivido pelos sujeitos, professor/estudante à mera aplicação de instrumentos de medida e não à capacidade. A avaliação apresenta-se como o meio constante de fornecer suporte ao educando no seu processo de assimilação dos conteúdos e no seu processo de constituição de si mesmo como sujeito existencial e como cidadão” (LUCKESI, 1997, p. 174).

A avaliação apenas como um ato para se obter resultados adentra em um abismo - domínio e decodificação de conteúdo - e o estudante passa a ser treinado para a avaliação final. A avaliação, portanto, não pode ser confundida, como por vezes se faz, com o momento exclusivo de atribuição de notas ou com momentos de análise e julgamento do mérito do trabalho que os estudantes desenvolveram (SAUL, 1988).

Quando a aprendizagem se torna natural, sem julgamento, os estudantes não percebem que estão sendo avaliados, pois se torna algo natural e espontâneo. Nesse interim, trazer os resultados externos para trabalhar com as atividades diárias, registros e as produções gerais dos estudantes permite inferir o desempenho de forma contínua e processual. A avaliação faz parte do cotidiano escolar e parece não se ver outra forma de avaliar a não ser pela prova escrita, sendo esse um dos motivos que moveu os anseios da pesquisadora e será o ponto crucial deste trabalho, sendo o tema proposto – à prática de avaliação em sala de aula, que está indissociável do contexto escolar trazendo como suporte a avaliação externa.

As avaliações permeiam o âmbito escolar e a cada diagnóstico de tais avaliações os professores reavaliam o próprio procedimento em si e o que pode ser feito para



melhorar o desenvolvimento do estudante. Azevedo (1980) ressalta que a avaliação é uma arma na mão do professor. Arma essa que pode ser fatal e matar a carreira dos sujeitos. Armas que estão sendo utilizadas nas instituições escolares como fundamentais para o modo como se vê os estudantes que estão sendo formados que deveriam ser críticos, reflexivos e preparados para a vida e não vistos de maneira tecnicista apenas para a produção no mercado de trabalho, mas para uma formação humana e igualitária.

Avaliar tem sido utilizado como forma de classificação e não como meio de diagnóstico. A avaliação deve ser vista como um momento de ver não só o estudante, mas de o professor rever como é o seu modo de pensar a prática, avaliá-la, repensá-la e retornar a ela, seria, assim, um modo de julgar a suas práxis e produzir conhecimento levando em conta os problemas de aprendizagem dos estudantes. A nota da avaliação não pode ser um fim, pois nem sempre ela aduz a qualidade. O estudante deverá se dedicar aos estudos não porque os conteúdos sejam importantes, significativos e prazerosos de serem aprendidos, mas sim porque estão ameaçados por uma prova. (LUCKESI, 2017, p. 37)

Nessa direção, Vianna (2005) corrobora que a avaliação necessita integrar-se ao processo de transformação de ensino-aprendizagem e contribuir, desse modo, para o processo de transformação do educando. A avaliação faz parte do âmbito educacional e o professor acompanha esse passo como passos socioeducativos do ensino. Os resultados obtidos no decorrer do processo são consequências dos objetivos propostos no planejamento do professor para constatar os progressos dos estudantes, as dificuldades e direcionar o próprio professor a se auto avaliar.

## **METODOLOGIA**

A pesquisa de cunho qualitativo teve seus dados obtidos por meio de questionários criado no Gmail, no drive, na ferramenta do Google Docs e enviado no E-mail ou Gmail dos docentes. O questionário semiestruturado tinha 2 (duas) perguntas abertas e 6 (seis) fechadas com respostas de 05 (cinco) professores de Língua Portuguesa do 7º, 8º e 9º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública no Estado de Mato Grosso.

Ao enviar o questionário delimitamos um prazo de 05 (cinco) dias para responderem. As perguntas foram voltadas para o perfil dos sujeitos, sua formação e tempo em sala de aula e questões sobre a ensino à avaliação externa e interna.



## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao refletir sobre a avaliação externa e posteriormente, em sala de aula, o movimento avaliativo passa por etapas ao fazer e pensar, pensar e agir, assim a prática educativa acaba por ser vista de forma crítica, porque passa a envolver o processo de avaliação em larga escala e o processo reflexivo em avaliação interna, pois a prática docente, quando a forma criteriosa externa perpassa os dados diagnósticos e sobrepõem na prática de avaliação interna. O estudante passa a ser o centro do processo e o objeto que é a avaliação passa a ser intermediária no processo de se reproduzir avaliação.

A avaliação interna faz parte do contexto das escolas. Nas escolas públicas do ensino fundamental de Mato Grosso a avaliação interna tornou-se uma constante aliada da escola, com a demanda em conhecer cada sujeito e proporcionar aos educadores uma tomada de decisão para alavancar o desempenho dos estudantes e da escola no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB). Para Luckesi (1997, p. 148), há três passos para se avaliar:

- I. Conhecer o nível de desempenho do aluno em forma de constatação da realidade.
- II. Comparar essa informação com aquilo que é considerado importante no processo educativo. (Qualificação)
- III. Tomar as decisões que possibilitem atingir os resultados esperados. A partir desse pressuposto pode-se dizer que se torna primordial redefinir os critérios cabíveis ao professor listando o que é essencial e informar aos estudantes o quanto a avaliação é necessária e qual seu real sentido para provocar o desenvolvimento do ensino-aprendizagem.

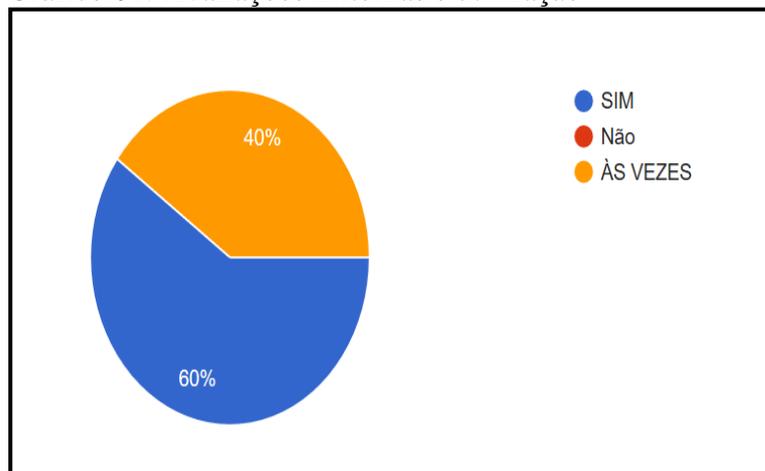
Todos os sujeitos da pesquisa são mulheres, ou seja, 100% (cem por cento), na faixa etária entre 25 a 50 anos, trabalham de 05 a 23 anos em sala de aula na rede pública estadual, sendo 30 (trinta) horas semanais pela Lei Complementar nº 050/1998 - LOPEB que estabelece que o professor efetivo tem jornada de 30 horas semanais, sendo 20 horas em sala de aula e 10 para as atividades pedagógicas de planejamento (horas-atividades).

Os docentes foram identificados como D1, D2, D3, D4 e D5 preservando o anonimato de cada respondente. A pesquisa buscou entender como os professores avaliam em sala de aula por meio do processo de avaliação externa e quais os procedimentos mais



utilizados por eles. De início foi perguntado se utilizavam as questões das avaliações externas em sala de aula.

Gráfico 01: Avaliações Externas e utilização



Fonte: Dados da Pesquisa (2020)

Identificamos que 60%, ou seja, 3 (três) sujeitos afirmaram que sim e 40%, ou seja 2 (dois) sujeitos disseram às vezes utilizarem questões da avaliação em sala de aula. Perrenoud, (1999) infere que “Avaliar é cedo ou tarde criar hierarquia de excelência em função das quais se decidirão a progressão no curso a ser seguido [...]”. Avaliar, segundo os sujeitos da pesquisa, é difícil e um tema que precisa ser intensificado e discutido, principalmente, quando o meio buscado é o de melhorar o ensino.

Outros dados trazidos na pesquisa mostraram métodos diversificados ao se tratarem das metodologias utilizadas na avaliação da externa para a interna. Dessa forma perguntou: “De que maneira é possível utilizar o resultado dessas avaliações externas no planejamento de suas aulas? ”

Através das avaliações externas pode-se refletir sobre as práticas pedagógicas da escola e aprimorar o ensino e a aprendizagem tentando melhorar os pontos negativos obtidos nas provas. (D1)

Buscando sanar os problemas detectados na avaliação externa no decorrer do ano letivo. (D2)

Encontrando pontos fracos dos alunos em suas avaliações e procurando saná-las. (D3)

Planejando atividades que contemplem as fragilidades diagnosticada nas avaliações externas. (D4)

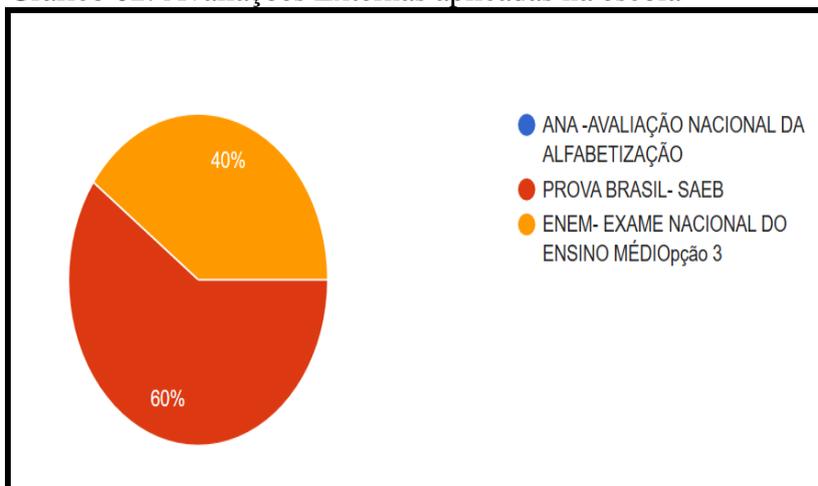


Através de estudos teóricos que embasem novas práticas pedagógicas. (D5)

As docentes D1, D2, D4 e D5 veem de forma positiva a utilização dos resultados das avaliações. A saber: 1 – Reflexão sobre a prática; 2- Detectar os problemas para saná-los no decorrer do ano; 3- Planejar atividades para diagnosticar; 4- Estudos teóricos e novas práticas. Os docentes consideraram que a avaliação externa poderá ser contemplada na avaliação interna e que pode ser um meio para obter resultados positivos no processo de ensino e de aprendizagem. Luckesi (1994) compreende que a avaliação é uma apreciação qualitativa sobre dados relevantes do processo de ensino-aprendizagem que auxilia o professor a tomar decisões sobre o seu trabalho.

Indagados sobre quais avaliações externas já foram aplicadas na escola em que eles lecionam. Os sujeitos apontaram as seguintes avaliações:

Gráfico 02: Avaliações Externas aplicadas na escola



Fonte: Dados da Pesquisa (2020)

Nas respostas dos sujeitos identificamos, que 60%, ou seja, 3 (três) sujeitos afirmaram ser a Prova Brasil – SAEB e 40%, ou seja 2 (dois) sujeitos disseram ser o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). A avaliação Nacional de Alfabetização (ANA) não foi aplicada na escola pública pesquisada, uma vez que nessa instituição as turmas são a partir do 6º ano até o Ensino Médio e a ANA só é aplicada no 2º e 3º ano do Ensino Fundamental.



Em relação ao planejamento feito com base no resultado das avaliações foi perguntado de que maneira é possível utilizar o resultado dessas avaliações externas no planejamento de suas aulas. Obtivemos as seguintes respostas:

Planejando atividades que contemplem as fragilidades diagnosticada nas avaliações externas. (D1)

Através de estudos teóricos que embasem novas práticas pedagógicas. (D2)

Buscando sanar os problemas detectados na avaliação externa no decorrer do ano letivo. (D3)

Através das avaliações externas pode-se refletir sobre as práticas pedagógicas da escola e aprimorar o ensino e a aprendizagem tentando melhorar os pontos negativos obtidos nas provas. (D4)

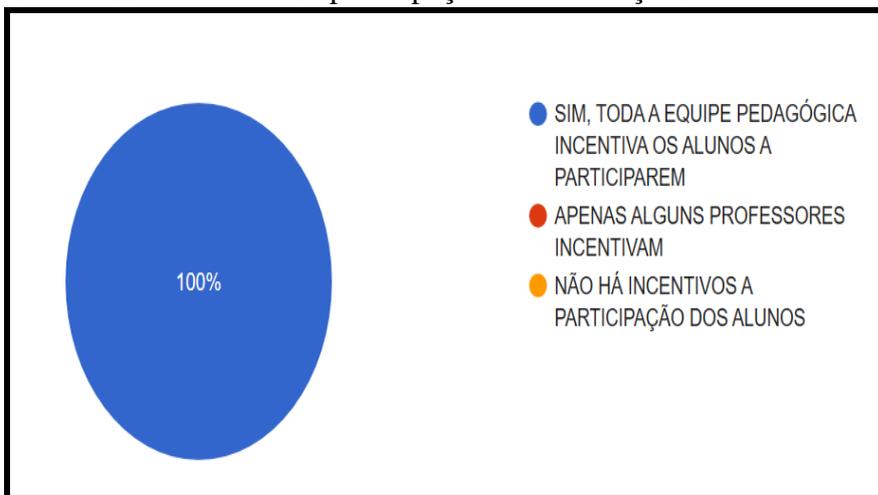
Encontrando pontos fracos dos alunos em suas avaliações e procurando sana-las. (D5)

Os respondentes apontaram que a política avaliativa trouxe benefícios para consolidação do trabalho do professor e impulsionou resultados positivos para encontrar fragilidades no processo de ensino e buscar meios para alcançar bons resultados. A avaliação nas escolas está fundamentando o contexto escolar e o olhar do educador em relação aos critérios estabelecidos resultam no desempenho ou não do estudante. Hoffman (1988) aduz que na avaliação dois problemas podem ser identificados: “[...] a ênfase excessiva na palavra e no ponto de vista do professor, em detrimento ao agir e pensar do estudante, e a concentração de esforços na testagem de resultados finais ao invés de processos de aprendizagem”. Dessa forma, a responsabilidade com o aprendizado deve ser evidenciada.

Outra pergunta investigativa que foi questionada era se há incentivo por parte da escola, para que os alunos participem dessas avaliações externas.



Gráfico 03: Incentivo de participação nas Avaliações Externas



Fonte: Dados da Pesquisa (2020)

Foi evidenciado, no gráfico 03, que 100% dos questionados disseram que sim. Todos os estudantes são incentivados a participarem da avaliação em larga escala. Para Luckesi (1995) “[...] avaliar tem, basicamente, três passos: Conhecer o nível de desempenho do aluno [...] Comparar essa informação com aquilo que é considerado importante no processo [...] Tomar as decisões que possibilitem atingir os resultados esperados”. Diante dessa realidade que vivenciamos de avaliação como processo de ensino e aprendizagem assume-se um olhar para essa prática de política avaliativa desenvolvida pela escola investigada.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados da pesquisa apontaram que as questões das avaliações externas são utilizadas nas internas e possibilitam verificar o que o estudante desenvolveu ou não na avaliação em larga escala.

Os dados obtidos com aplicação do questionário apontam que a escola incentiva os estudantes a fazerem a avaliação externa.

A escola apresenta como possibilidade questões referentes à avaliação externa a fim de melhorar o índice do IDEB.

As experiências desenvolvidas no cotidiano das escolas em relação às avaliações internas embasam decisões que articulam teoria e prática de avaliação.



Ainda há a necessidade de novas pesquisas no campo de avaliação externa e interna em outras escolas para verificar como se dá essa prática dúbia: Avaliação Externa X Avaliação Interna e a prática pedagógica.

## REFERÊNCIAS

AZEVEDO, M. A. Avaliação educacional: medo e poder!!! In: Educação e avaliação. São Paulo: **Cortez**, 1980.

HOFFMANN, Jussara. Pontos & Contrapontos: do pensar ao agir em avaliação. Porto Alegre: **Mediação**, 1998.

LUCKESI, C. C. Avaliação da aprendizagem escolar. 6. ed. São Paulo: **Cortez**, 1997.

\_\_\_\_\_. Capítulo II: Avaliação Educacional Escolar: para além do autoritarismo. In: Avaliação da aprendizagem escolar. 7ed. São Paulo: **Cortez**, 1994.

PERRENOUD, Philippe. Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens - entre duas lógicas. Porto Alegre: **Artes Médicas Sul**, 1999.

SAUL, A. M. A. Avaliação emancipatória, desafio à teoria e a prática de avaliação e reformulação de currículo. São Paulo: **Cortez/Autores Associados**, 1988.

VIANNA, H. M. Fundamentos de um programa de avaliação educacional. Brasília: **LIBER Livro**, 2005.